

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

*MI NOMBRE ES RIGOBERTA MENCHÚ Y LA NOCHE DE TLATELOLCO:
UNA PERSPECTIVA ORAL Y CONTEMPORÁNEA DE LA LITERATURA
TESTIMONIAL.*

MARIA CLARA PIMENTEL MACHADO

Rio de Janeiro
2024

MARIA CLARA PIMENTEL MACHADO

*MI NOMBRE ES RIGOBERTA MENCHÚ Y LA NOCHE DE TLATELOLCO:
UNA PERSPECTIVA ORAL Y CONTEMPORÁNEA DE LA LITERATURA
TESTIMONIAL.*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português/Espanhol.

Orientador: Prof.º Dr.º Rafael Eduardo Gutiérrez
Giraldo.

Rio de Janeiro

2024

M149m

Machado, Maria Clara Pimentel
MI NOMBRE ES RIGOBERTA MENCHÚ Y LA NOCHE DE
TLATELOLCO: UNA PERSPECTIVA ORAL Y CONTEMPORÁNEA
DE LA LITERATURA TESTIMONIAL. / Maria Clara
Pimentel Machado. -- Rio de Janeiro, 2024.
38 f.

Orientador: Rafael Eduardo Gutierrez.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Espanhol, 2024.

1. Literatura Hispanoamericana. 2. Literatura de
testemunho. 3. Realidade. 4. Memória. I. Gutierrez,
Rafael Eduardo , orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Maria Clara Pimentel Machado
DRE: 120133272

*MI NOMBRE ES RIGOBERTA MENCHÚ Y LA NOCHE DE TLATELOLCO:
UNA PERSPECTIVA ORAL Y CONTEMPORÁNEA DE LA LITERATURA
TESTIMONIAL.*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Data de avaliação: 02/12/2024

Banca Examinadora:

Prof. Rafael Gutiérrez (orientador)

NOTA: 10,0

Prof. Victor Lemus (lector crítico)

NOTA: 10,0

MÉDIA: 10,0

Assinatura dos avaliadores:



Prof. Rafael Gutiérrez (orientador)



Prof. Victor Lemus (leitor crítico)

Este trabalho é dedicado a todas as minorias que lutam contra as formas de dominação
hegemônica e autoritarismo para que sua voz seja ouvida e lembrada.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a cada um dos professores que participaram da minha trajetória desde os primeiros anos de alfabetização até a minha segunda graduação e que me ensinaram, me apoiaram e contribuíram para a minha chegada até aqui.

Agradeço...

.... à minha Ancestralidade de mulheres fortes e batalhadoras que criaram e educaram seus filhos mesmo sem terem tido a oportunidade de ir para escola, deixando suas marcas no mundo, então às minhas avós maternas, Zita (in memoriam) e Ana Maria, o meu muito obrigada.

.... imensamente aos meus pais, Helio e Ana Cristina, pelo seu apoio incondicional nas horas de dúvida e de incertezas. Obrigada por cada um dos seus conselhos, por serem o meu colo, o meu abrigo e a minha fortaleza.

.... aos amigos que fiz ao longo deste percurso, Yan, Rafael, minha xará Maria, Larissa, Amanda, Marcelle, Jaqueline, Dayse, que com palavras de apoio, abraços, trocas de ensinamento e risadas fizeram com que fosse tudo mais fácil e com a certeza, de que teria sido muito mais difícil, talvez impossível chegar até o final sem o apoio de cada um.

... à professora Tamar da Escola Estadual Hispano-Americano e ao professor Rafael da Escola Estadual Central do Brasil pelos ensinamentos e pelo apoio prático à minha docência e por fazer ser uma experiência ainda mais agradável nas Regências, apesar das dificuldades de infraestrutura do ensino público.

... ao meu querido Prof.º Dr.º Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo, por ter me apresentado o tema desta monografia, pela sua dedicação nas aulas que me fizeram ter a certeza de que seria ele a ser o meu orientador nesta jornada final e pelo seu apoio nesta graduação.

... e por fim a todos (as/xs) que fizeram parte da minha trajetória na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na vida.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar de que forma as narrativas testemunhais recriam um evento histórico traumático. Para isso, fez-se uma análise do livro *Mi nombre es Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* de Elizabeth Burgos e *La Noche de Tlatelolco* de Elena Poniatowska. Ao longo do trabalho se analisam questões como o papel do mediador nas narrativas testemunhais, as relações entre memória e realidade e os impactos sociais e políticos do gênero de testemunho na América Latina. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica com o suporte teórico de autores como Michael Pollak, João Camilo Pena e Márcio Seligmann Silva. Conclui-se o texto com as considerações de que o próprio evento do testemunhar apresenta diferentes contextos que decorrem da necessidade de expressar narrativamente uma experiência extrema enquanto sobrevivente de uma situação limite.

Palavras-chaves: literatura hispano-americana, literatura de testemunho, realidade e memória.

RESUMEN

Este trabajo propone analizar de qué forma las narrativas testimoniales recrean un evento histórico traumático. Para eso, se hace un análisis del libro *Mi nombre es Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* de Elizabeth Burgos y *La Noche de Tlatelolco* de Elena Poniatowska. A lo largo del trabajo se analiza cuestiones como el papel del mediador en las narrativas testimoniales, las relaciones entre memoria y realidad y los impactos sociales y políticos del género del testimonio en América Latina. El trabajo fue realizado por medio de investigación bibliográfica con el soporte teórico de autores como Michael Pollak, João Camilo Pena e Márcio Seligmann Silva. Se concluye el texto con las consideraciones de que el propio evento del testimonio presenta diferentes contextos que derivan de la necesidad de expresar narrativamente una experiencia extrema como sobreviviente de una situación límite.

Palabras claves: literatura hispanoamericana, literatura testimonial, realidad y memoria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. A LUTA DOS POVOS INDÍGENAS A PARTIR DA VISÃO DE RIGOBERTA MENCHÚ.	15
1.1. RIGOBERTA MENCHÚ POR ELIZABETH BURGOS:	15
1.2. A NARRATIVA DE UMA LUTA INDÍGENA.	18
1.3. UMA TESTEMUNHA DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA.	21
CAPÍTULO 2 - LA NOCHE DE TLATELOLCO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM MASSACRE.	24
2.1. MOVIMENTO ESTUDANTIL: LUTA E SOBREVIVÊNCIA.	24
2.2. LA NOCHE DE TLATELOLCO: O MASSACRE.	27
2.3. A NARRATIVA OFICIAL VERSUS A NARRATIVA DOCUMENTAL DE PONIATOWSKA	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

O conceito de testemunho concentra-se em várias discussões, colocando no centro o paradoxo entre real e ficcional, mesmo que um não seja necessariamente o contrário do outro, como afirma Juan José Saer (2012, p. 32) em “O conceito de ficção”: “quando optamos pela prática da ficção não o fazemos com o propósito obscuro de tergiversar a verdade”. Quando se considera o testemunho, não se deve reduzi-lo à verdade, mas sim entendê-lo como um “real” compreendido a partir da representação de um sujeito que se manifesta na narrativa a partir de um extenso corpus de relatos com a finalidade de dar conhecimento a um fato histórico.

“A noção de ‘narrativa’ nos aprisiona nas oposições do real e do artifício em que se perdem igualmente positivistas e desconstrucionistas. Não se trata de dizer que tudo é ficção. Trata-se de constatar que a ficção da era estética definiu modelos de conexão entre apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção, e que esses modos de conexão foram retomados pelos historiadores e analistas da realidade social. Escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade.” (RANCIERE, 2009, p. 54 -59)

Na teoria literária pensada a partir do testemunho, pode-se perceber dois grandes campos de discurso. De um lado, o continente europeu e norte-americano que retrata a sobrevivência a partir das grandes guerras, principalmente a Segunda Guerra, descrevendo um território dominado pela perseguição aos judeus, com a tomada de poder pelo nazismo, sobrevivendo então o testemunho dos horrores da guerra, descrevendo e apresentando as impressões e angústias de um narrador sobrevivente.

Enquanto por outro lado, temos a América Latina e os seus povos originários, com suas experiências históricas marcadas por períodos ditatoriais, exploração econômica, repressão às minorias, perseguições políticas, luta por direitos civis e pela sobrevivência com narradores que retratam a barbárie, a injustiça, a violação de direitos, a falta de liberdade e a ameaça à integridade física. Assim, adentra-se na literatura de testemunho a partir de personagens que conectam aspectos ontológicos da história com processos sociais e sua própria dinâmica interna do “eu”, revelando características e experiências próprias sob a influência de abordagens culturalistas, de forma que “O testemunho também é, de certo modo, uma

tentativa de reunir os fragmentos do passado (que não passa), dando um nexos e um contexto aos mesmos”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 82)

A diversidade de narrativas construídas em torno deste novo tema e do conceito de testemunho perpassa uma série de questões que põem em discussão a memória. O discurso então é analisado a partir da capacidade ou incapacidade do indivíduo de constituir na escrita uma psique traumatizada, a fim de traduzir o vivido em imagens “vivas” para construir com o leitor uma identidade e articular uma narrativa com fatos e personagens.

Nesse contexto das narrativas de testemunho, é importante observar que tais relatos não são meras descrições de eventos passados, mas instrumentos de resistência, denúncia e transformação social, uma vez que não apenas documentam histórias individuais, mas também refletem dinâmicas de poder e injustiça que permearam as sociedades na época em que foram produzidas. E não só exploram a memória vívida, mas também expõem uma reflexão sobre a experiência em si mesma, devendo os testemunhos serem considerados como verdadeiros instrumentos de reconstrução de uma identidade, e não apenas histórias factuais limitadas a uma função informativa.

Mas como diferenciar, portanto, uma narrativa construída segundo um relato que é estimulado por um interlocutor, que faz perguntas e provoca as mais variadas reações ao narrador que apresenta suas memórias de acordo com o que é suscitado? Como impedir que as emoções influenciem o julgamento de quem conta uma história? Como saber se a memória constituída há quarenta anos ainda será a mesma?

Ao dar conta das perturbações identitárias fundamentais e do seu possível domínio, a análise da experiência concentracionária testemunha até que ponto, segundo a formulação de Max Weber, “a identidade nunca é, do ponto de vista sociológico, mais do que um estado de coisas simplesmente relativo e flutuante”, e até que ponto os indivíduos, na medida em que são o produto de uma construção social, são também uma construção de si próprios. (POLLACK, 2023, p. 359)

Pollack vai dizer a partir da sua investigação em *El Testimonio* (2005) que apesar da dificuldade de manter a continuidade e a coerência em um testemunho diante do tempo transcorrido, a memória - embora frágil - é fruto de um trabalho permanente da identidade que consiste em apreender, suportar e aguentar toda a experiência vivida para torná-la coerente com as experiências passadas e com si mesmo. É graças a esse trabalho racional que se torna possível unir presente e passado.

Assim sendo, a literatura de testemunho na América Latina desempenha um papel significativo no panorama social e cultural, contribuindo para a construção de identidades não só individuais, mas também coletivas na preservação da memória histórica. Essas narrativas, escritas por indivíduos que vivenciaram eventos traumáticos, oferecem testemunhos pessoais e íntimos que lançam luz sobre experiências e o reconhecimento de um grupo mais vasto que se pode imaginar: a humanidade.

As narrativas de testemunho frequentemente destacam as experiências compartilhadas por grupos específicos, como vítimas de regimes autoritários, comunidades indígenas ou minorias étnicas. Ao contar suas histórias, esses testemunhos ajudam a solidificar a identidade desses grupos, fornecendo uma plataforma para expressar suas lutas, resistência e aspirações comuns.

O que aparece, à primeira vista, como uma memória “em nome próprio” de uma vítima isolada abre o caminho para registros vivos de eventos históricos em nome de uma humanidade que muitas vezes documenta detalhes e experiências como forma de preservar a memória coletiva e garantir o acesso à verdade sobre o passado, mesmo quando há tentativas de negação ou revisionismo histórico. Esses registros desafiam narrativas oficiais revelando as consequências reais das políticas governamentais.

Ao expor as injustiças e violações dos direitos humanos, essas narrativas podem mobilizar a opinião pública e pressionar por mudanças sociais e políticas humanizando as vítimas ao estimular uma compreensão mais profunda das complexidades das questões sociais e políticas, desempenhando um papel crucial na construção de identidades coletivas, na preservação da memória histórica e influenciando a percepção pública.

Essas narrativas de testemunho, como um trabalho de constituição de uma memória coletiva, desafiam os regimes opressivos, muitas vezes enfrentando sérias repercussões por parte das autoridades por não apenas documentar as injustiças, mas também instigar à reflexão e ao engajamento político, incentivando os leitores a se tornarem agentes de mudança em suas próprias comunidades.

Assim, ao analisar os testemunhos deve-se considerar não apenas seu impacto emocional e cultural, mas também suas implicações políticas e sociais mais amplas. Essas narrativas muitas vezes destacam as histórias de uma sociedade historicamente excluída do discurso dominante, desafiando estereótipos e preconceitos arraigados, mas também exigem uma abordagem crítica e reflexiva que leve em conta as complexidades do contexto em que são produzidas e recebidas.

O lugar em que a memória coletiva se constitui diante da história de um “eu” individual é capaz de atenuar eventuais conflitos ou ressentimentos ao mesmo tempo em que estende seus laços sociais para a comunidade como forma de superar os traumas refletindo as dinâmicas de opressão e resistência ao desafiar e subverter as estruturas de poder dominantes.

Nesta linha, na América Latina a literatura do testemunho tem uma larga história e tem sido escrita desde o ponto de vista tanto da luta de classes de povos que sofreram injustiças nas mãos de grande potências, dando visibilidades à vozes indígenas latino-americanas, como se pretende analisar a partir da narrativa de Rigoberta Menchú e o referente histórico da violenta contra-insurgência do início dos anos 80 como uma resposta militar à guerrilha indígena iniciada em 1978, que poderia ter levado a Guatemala a uma revolução indígena.

Quanto ao movimento inovador do testemunho documental composto principalmente por testemunhos de pessoas que sobreviveram à impiedosa investida das forças militares e policiais em 2 de outubro de 1968 na chamada *Noite de Tlatelolco* composto por inúmeros discursos fragmentados que revelam a realidade coletiva a partir de diferentes perspectivas como na narrativa de Elena Poniatowska.

Neste ponto, será analisado como motivação inicial, o relato de vida de Rigoberta Menchú mediado pela antropóloga Elizabeth Burgos, em uma abordagem feita a partir da ideia da luta dos povos indígenas do nosso continente contra o colonialismo interno e externo. Tentaremos identificar a série de características históricas, sociais e culturais do contexto da obra, por meio da visão de mundo pessoal de Menchú, que ao mesmo tempo é personagem e narrador.

Em seguida, será analisada a narrativa de Elena Poniatowska, a partir do ponto de vista de diversos personagens que participaram de forma objetiva ou subjetiva dos eventos que culminaram na trágica *Noite de Tlatelolco*. Trata-se aqui de testemunhos orais que buscam identificar uma nova dimensão testemunhal a partir de uma projeção documental.

Por fim, será desenvolvida uma análise da importância destes testemunhos para a literatura latino-americana, no sentido de entender a sua abrangência e o seu resgate cultural a partir de realidades históricas contextuais, que se opõem, desafiam e subvertem as estruturas de poder dominantes.

As perspectivas que dão luz a este trabalho dizem respeito à questão do contexto histórico e político em que as narrativas de testemunho surgiram e como elas refletem e moldam os eventos históricos bem como discute as relações de poder presentes nas narrativas, destacando como diferentes grupos sociais são representados e como essas representações refletem nas dinâmicas de opressão e resistência, além de explorar o impacto social e cultural,

considerando também como essas narrativas influenciam a percepção pública de questões sociais e políticas.

A literatura de testemunho na América Latina vai emergir como uma poderosa ferramenta para a construção de identidades individuais e coletivas, funcionando como um meio de resgatar memórias e dar voz a narrativas historicamente marginalizadas. Através de relatos que refletem as experiências de vítimas de regimes autoritários e outras formas de opressão, essas obras não apenas documentam injustiças, mas também incentivam a reflexão crítica e o engajamento social.

A análise das obras de autores como Rigoberta Menchú e Elena Poniatowska irão revelar como a literatura pode transcender o mero entretenimento, desempenhando um papel fundamental na formação da consciência social e na preservação da memória histórica. Ao articular a experiência pessoal com contextos sociais mais amplos, esses testemunhos promovem um diálogo intercultural e desafiam as narrativas oficiais, permitindo que a pluralidade de vozes e experiências enriqueça a compreensão da história.

Ademais, a literatura de testemunho não apenas documenta traumas passados, mas também serve como um chamado à ação, mobilizando leitores a se tornarem agentes de mudança em suas próprias comunidades. Nesse sentido, a análise das dinâmicas de poder e representação presentes nessas narrativas é crucial para entender como elas podem influenciar a percepção pública e promover transformações sociais.

Portanto, a literatura de testemunho se configura como um espaço vital para a reflexão sobre identidade, memória e justiça, destacando a interconexão entre experiências individuais e a história coletiva, e reafirmando a importância de narrativas que lutam contra o esquecimento e a opressão. Essa função social da literatura reafirma sua relevância como um agente de mudança e um meio de garantir que as vozes dos oprimidos sejam ouvidas e valorizadas.

CAPÍTULO 1. A LUTA DOS POVOS INDÍGENAS A PARTIR DA VISÃO DE RIGOBERTA MENCHÚ.

1.1. RIGOBERTA MENCHÚ POR ELIZABETH BURGOS:

¡Libertad para los indios donde quieran que estén en América y en el mundo, porque mientras vivan vivirá un brillo de esperanza y un pensar original de la vida!
(Rigoberta Menchú, Discurso na recepção e conferência do Prémio Nobel da Paz, 1992)

Rigoberta Menchú Tum nasceu em 9 de janeiro de 1959, em Chimel, município de San Miguel Uspantán, Departamento de El Quiché, Guatemala. Ela é uma indígena do grupo Quiché-Maia. Durante toda a sua vida, vivenciou o drama da violência guatemalteca sendo a única sobrevivente da sua família, e, em 1985, publicou o livro *Me chamo Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência*, a partir do seu testemunho na luta em defesa dos povos indígenas, ao enfrentar os efeitos de uma guerra, tanto na sua vida quanto na história do seu povo, tendo sido a primeira indígena e mulher mais nova a receber o Prêmio Nobel da Paz em 1992.

Para compreender a visão da jovem narradora-personagem, é importante salientar que o livro foi desenvolvido oralmente através da história contada por Menchú - em um espanhol recém adquirido - para sua mediadora Elizabeth Burgos e que apresenta não só um testemunho pessoal, mas também a história de todos os indígenas do continente americano que foram colonizados e invisibilizados pelo imperialismo branco. Para tanto, Menchú encarna em seu testemunho a vida dos indígenas que padeceram e sofreram com o apagamento das suas culturas e de suas raízes, tendo como objetivo, a partir da sua obra, romper com o silêncio, dando-lhes propósito e expondo ao mundo não só a violência sofrida, mas suas relações com a natureza e a vida em comunidade.

Sólo me resta agradecer a Rigoberta el haberme concedido el privilegio de este encuentro y haberme confiado su vida. Ella me ha permitido descubrir ese otro yo-misma. Gracias a ella mi yo americano ha dejado de ser una "extrañeza inquietante". (Burgos, 2007, p. 18)

Enquanto Rigoberta Menchú foi a voz por trás das lutas indígenas, Elizabeth Burgos foi o meio pelo qual a história pode ser contada, gravando áudios, tentando manter-se fiel às estruturas linguísticas e a forma em que a narrativa era apresentada, dividindo o livro em

trinta e três capítulos que relatam os momentos desde a infância até o início da sua luta política.

Es la historia de los más humillados entre los humillados. Pero Rigoberta no sólo nos cuenta sus sufrimientos y los de su pueblo, sino que también hace gala de un orgullo discreto para hacernos conocer su cultura milenaria, que nos describe minuciosamente cuando nos cuenta las ceremonias del nacimiento, del matrimonio, de las siembras. (Burgos, 2007, p. 7)

Por esta razão, Elizabeth Burgos procura manter a singularidade de Menchú em sua narrativa, tendo em conta que a história contada é mais do que apenas um relato de vida, mas o resultado social de um colonialismo pelo qual Rigoberta luta para que os indígenas possam recuperar o seu poder e o seu lugar na história.

Burgos então apresenta a história de Rigoberta Menchú e o significado mais profundo da sua narrativa, esforçando-se para manter a autenticidade e a voz individual de Menchú para além de um personagem histórico, já que sua história é um reflexo único das suas experiências e da sua luta. A história contada por Burgos não se limita a ser uma biografia tradicional, mas é apresentada como um "resultado social" do colonialismo, mostrando a vida e as lutas de Menchú como representações das experiências mais amplas dos povos indígenas sob a opressão colonial.

A narrativa é uma forma de expor e criticar o impacto do colonialismo sobre os povos indígenas enquanto Menchú luta para que os indígenas possam recuperar o poder e reivindicar seu lugar na história, o que envolve resistir às forças coloniais e buscar a justiça e o reconhecimento histórico.

A través de Burgos é que Rigoberta Menchú busca restaurar a posição dos povos indígenas na perspectiva social e cultural, na luta contra a marginalização e a invisibilidade que muitas vezes resultam do colonialismo, trabalhando para que a sua contribuição histórica seja reconhecida e valorizada.

Todavía tengo el recuerdo del tono de su voz, del brillo de sus ojos que mostraban su orgullo cuando a través de esas descripciones minuciosas ella quería hacerme comprender, y hacer comprender al mundo, que ella también era poseedora de una cultura, y de una cultura milenaria, y que si ella luchaba era para salir de la miseria y de una vida de sufrimientos, pero también para que su cultura fuera reconocida y aceptada como cualquier otra. (Ibid.)

Esse pensamento faz com que Burgos proponha o questionamento a si mesmo e a todos aqueles que pertencem culturalmente à população branca para compreender a luta da população indígena e o papel fundamental da preservação da suas identidades como aspecto central para os povos originários, entrelaçando cultura, autonomia e relação com a terra. Para tanto, lutar para lhes dar voz, é também lutar para ajudar a preservar e fortalecer suas tradições para que possam resistir a ameaças e a garantir a continuidade das suas histórias e o bem-estar de suas comunidades, destacando a importância de entender e respeitar suas identidades e direitos.

La lucha de los pobladores autóctonos de nuestro continente, contra el colonialismo interno y el externo, será la que nos libraré definitivamente de los males que nos acosan y de los obstáculos que se oponen a nuestro desarrollo y por ello debemos sumarnos a ella. (Ibid.)

Sendo assim, com a reflexão de Elizabeth Burgos o leitor pode conhecer e reconhecer Rigoberta Menchú, questionando as suas próprias perspectivas e práticas culturais dominantes a partir de um processo de autoanálise fundamental para compreender melhor a luta dos povos indígenas. A compreensão destas dificuldades e desafios, abrangem também a preservação de suas identidades culturais e direitos sobre a terra, com uma discussão que vai além de uma visão superficial e envolve uma imersão na realidade desses povos.

Esse mergulho na história é o que propõe Menchú ao trazer a preservação da identidade indígena como ponto central para a sobrevivência cultural e a continuidade dos povos originários. A cultura indígena não é apenas um conjunto de tradições, mas está profundamente entrelaçada com a autonomia e o direito dos povos indígenas de governar seu próprio povo e tomar decisões sobre suas próprias vidas e territórios.

O que Burgos traz em sua introdução à narrativa de Menchú é que dar voz aos povos indígenas é uma forma não só de apoiar a preservação e o fortalecimento da sua cultura, mas também combater as ameaças que eles enfrentam, como a exploração e a perda de suas terras, de forma que possam resistir às ameaças externas e internas, preservando suas tradições e alcançando um estado de bem-estar que respeite e celebre sua herança cultural, garantindo que suas histórias e comunidades possam prosperar.

Ao longo da narrativa, Burgos retrata, em uma espécie de monólogo, a relação de Menchú com a comunidade, com a natureza, as relações sociais e suas tradições, seu crescimento político, o crescimento da própria consciência a partir das violências sofridas e

conclui convidando o leitor a inúmeras reflexões sobre a história da Guatemala e dos povos indígenas.

1.2. A NARRATIVA DE UMA LUTA INDÍGENA.

La historia de su vida es más un testimonio sobre la historia contemporánea que sobre la de Guatemala. Por ello es ejemplar, puesto que encarna la vida de todos los indios del continente americano. Lo que ella dice a propósito de su vida, de su relación con la naturaleza, de la vida, la muerte, la comunidad, lo encontramos igualmente entre los indios norteamericanos, los de América central y los de Sudamérica. (Burgos, 2007, p. 9)

Em 1961 inaugurou-se a chamada “era do testemunho” a partir do processo de Adolf Eichmann em Jerusalém, colocando em destaque na literatura um gênero até então desconhecido. Para a América Latina, a narrativa testemunhal ganhou força a partir de Rigoberta Menchú e a história de sobrevivência dos povos originários. Através dela é que se rompe o silêncio sobre a repressão, exploração e a discriminação cultural das quais têm sido vítimas desde a colonização espanhola. “La palabra es su única arma”, é o que Burgos vai dizer ao fazer desta narrativa a luta para enfrentar o genocídio de que a sua comunidade e família foram vítimas.

Se decide a hablar para dar cuenta de la opresión que padece su pueblo desde hace casi cinco siglos, para que el sacrificio de su comunidad y de su familia no haya sido en vano. Lucha contra el olvido, y para hacernos ver lo que los latinoamericanos nos hemos negado siempre a aceptar: que si bien estamos siempre dispuestos a denunciar las relaciones de desigualdad que Norteamérica mantiene con nosotros, nunca se nos ha ocurrido reconocer que también nosotros somos opresores, y que mantenemos relaciones que fácilmente pueden calificarse de coloniales. (Burgos, 2007, p. 9-10)

Do lado oposto, está o que se pode chamar de colonialismo interno que se exerce sobre as populações indígenas como por exemplo, a brutalidade da repressão política da ditadura do general Fernando Romeo Lucas García, pelo qual Vicente Menchú, um ativista maia e pai de Rigoberta, foi morto em 1980 junto com trinta e oito pessoas, e que vai ser também denunciado por ela em seu testemunho.

Esse colonialismo político de uma parte da Guatemala que coibia através da violência sua própria população é ao mesmo tempo, o que vai consagrar Rigoberta Menchú como líder

popular, fazendo do seu testemunho um manifesto étnico para mudar completamente a relação de dominação e exclusão.

Lucha contra el olvido, y para hacernos ver lo que los latinoamericanos nos hemos negado siempre a aceptar: que si bien estamos siempre dispuestos a denunciar las relaciones de desigualdad que Norteamérica mantiene con nosotros, nunca se nos ha ocurrido reconocer que también nosotros somos opresores, y que mantenemos relaciones que fácilmente pueden calificarse de coloniales. Sin temor a exagerar, podemos afirmar que existe, sobre todo en los países con fuerte población india, un colonialismo interno que se ejerce en detrimento de las poblaciones autóctonas. (Burgos, 2007, p. 10).

Uma das colocações de Menchú é a compreensão de que enquanto se critica a autoridade dos países colonos sobre suas ex-colônias, as desigualdades e injustiças que sofre a América Latina acaba, por outro lado, ignorando que também são responsáveis por suas próprias formas de opressão, esquecendo-se que dentro dos países latino-americanos, especialmente aqueles com uma grande população indígena, existe um tipo de colonialismo interno. Ou seja, além das relações desiguais com outros países, também há uma dinâmica opressiva interna onde os povos indígenas são tratados injustamente e sua situação é prejudicada. Sendo assim, Menchú, como sobrevivente da arbitrariedade e ditadura guatemalteca chama a atenção para a necessidade de reconhecer e enfrentar as injustiças que ocorrem dentro dos próprios países latino-americanos, e não apenas as que vêm de fora.

A partir desta narrativa, o objetivo de Rigoberta Menchú passa a ser uma tentativa de transformação na forma como os povos indígenas são vistos, promovendo não só uma luta racial, mas também o reconhecimento de que a população indígena existe e é uma parte importante da sociedade. Seu desejo é pela admissão da cultura própria e distinta, devendo ser respeitada sua identidade e suas diversidades como uma parte justa do poder que deveriam ter pelo direito de serem uma parte significativa da comunidade.

Para Rigoberta Menchú no se trata en modo alguno de preconizar una lucha racial, y mucho menos de negarse a reconocer el hecho irreversible de la existencia de la población mestiza. Lo que ella exige, en cambio, es el reconocimiento de su cultura, la aceptación de su alteridad; y la parte de poder que le corresponde por derecho. (Burgos, 2007, p. 11)

Dessa forma, para Rigoberta, não há só uma luta baseada em raça, apesar de que não se pode rejeitar esta realidade de que há uma grande população mestiça na América Latina, mas ao invés disso, Menchú exige que se reconheça e respeite a cultura indígena e suas diferenças, para então reivindicar o direito dos povos indígenas a uma parte justa do poder e dos recursos, buscando reconhecimento e respeito pela sua identidade e seus direitos, sem negar contudo que existe grande diversidade e a presença dos mestiços na sociedade.

Em alguns países da América Latina, incluindo a Guatemala, os povos indígenas são na verdade uma grande parte da população total, entretanto, essa população indígena é oprimida por uma minoria dominante (geralmente de descendência não indígena). Segundo o *Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas (IWGIA)* em 2023, a Guatemala tinha uma população projetada de 17,6 milhões de habitantes, dos quais 43,75% pertenciam ao povo Maia. São estes, portanto, que vão sendo sistematicamente aniquilados em nome do desenvolvimento, especialmente aqueles que vivem em áreas selvagens ou remotas que são frequentemente forçados a abandonar suas terras e modos de vida devido a projetos de “progresso”, resultando na destruição dessas comunidades.

O que se pode ver é que esses grupos indígenas, em muitos países da América Latina, como a Guatemala, apesar de representarem uma parte significativa da população, frequentemente enfrentam marginalização e discriminação sistemática em um processo contínuo de opressão das elites que muitas vezes têm origens não indígenas e ignoram ou desrespeitam os direitos e a forma de vida das comunidades indígenas. O que por sua vez, acaba resultando na perseguição desses povos e na destruição de terras tradicionais, desmatamento e perda de recursos naturais vitais para a subsistência das comunidades, forçando-os a deixar suas terras, fazendo com que percam não apenas o espaço físico, mas também a base de sua identidade cultural.

Rigoberta Menchú, portanto, vai mostrar em sua narrativa que a resistência contra essas formas de opressão é o caminho para a verdade. Esses movimentos de resistência vão surgir então para proteger suas terras e culturas, mas não só isso, vão surgir também como uma forma de resistência política-ideológica para enfrentar não apenas a violência e a repressão, mas também as forças econômicas e políticas segregadoras que impactam negativamente as comunidades indígenas.

Para fundamentar a sua luta contra a injustiça e a desigualdade, Rigoberta Menchú juntou-se ao Comité de Unidade Camponesa (CUC), aderindo ao movimento Frente Popular 31 de junho, fundado em janeiro de 1981, data do aniversário do massacre em que seu pai e

um grupo de índios Quiché foram assassinados ao ocupar a Embaixada de Espanha na Cidade da Guatemala.

1.3. UMA TESTEMUNHA DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA.

O testimonio se situa no cruzamento de muitas vias: da oralidade e do literário, do discurso de autor e do discurso editado, da literatura e da antropologia, da literatura e da não literatura, da autobiografia e da demografia (escritas do povo), do pós-moderno contra o pós-colonial, e no campo de batalha da representação onde se enfrentam os defensores das obras-primas contra os baluartes da escrita das minorias. (Guguelberger, 1996, p. ??)

A complexidade e multiplicidade de dimensões envolvidas no conceito de testemunho, vão além de textos que documentam experiências pessoais e coletivas. O testemunho de um narrador que se posiciona entre a oralidade e a escrita pode combinar elementos da forma que as histórias e experiências são transmitidas verbalmente a partir de técnicas e estruturas da escrita literária, enquanto que o discurso do autor que é original e o discurso editado que é apresentado ao leitor pode levantar questões éticas de originalidade e autenticidade.

Entretanto, justamente por uma obra de testemunho se situar na interseção entre a literatura, que é mais focada na expressão artística e narrativa, e a antropologia, que estuda as culturas e sociedades, é que essa narrativa pode servir como um meio de compreensão cultural ou mais ainda, como forma de denúncia social. Para isso, dizer o que é real ou não-ficcional fica mais difícil quando o que é considerado literatura formal e outros tipos de escrita não se encaixam nos critérios tradicionais da literatura, mas ainda assim têm valor.

Para tanto, a narrativa do testemunho também pode se posicionar entre a autobiografia, que é a narrativa pessoal e individual de um autor, e a demografia, que refere-se à escrita coletiva e representativa das experiências de grupos ou comunidades, implicando tanto em experiências individuais quanto coletivas que focam na crítica das heranças coloniais e na representação das vozes marginalizadas como podemos ver através de Rigoberta Menchú.

Pode-se dizer que as obras de testemunho estão imersas não só em uma complexa rede de interações e tensões, mas também entre diferentes formas de expressão e áreas do conhecimento e que não se encaixa facilmente em uma única verdade, sendo influenciado por diversas forças culturais, literárias e sociais, caracterizando-se pela representação de escrita das minorias, a partir das suas perspectivas marginalizadas.

Para Valéria de Marco (2004) em “A literatura do testemunho e a violência de estado”, publicado pela Revista de Cultura e Política em São Paulo, a literatura de testemunho é um compromisso político de dar voz aos que foram marginalizados pelo que ela vai chamar de “história oficial”.

Pode se dizer que essa representatividade se faz, portanto, a partir de Rigoberta Menchú, que legitima o discurso do indígena colocando-o pela primeira vez no foco de sua própria história, através de um mediador que expressa a sua luta, e é nesta figura de intermediário que Elizabeth Burgos reproduz com muito cuidado as falas de Menchú. É através dessa reivindicação que o testemunho incorpora o empírico e o imaginário.

Rigoberta Menchú foi motivada a falar sobre a sua luta quando ninguém mais sabia o que estava acontecendo na Guatemala, a não ser por notícias genéricas entregues pela mídia internacional, então nada mais justo do que trazer a público alguém que estivesse vivenciando *in loco* a repressão do governo guatemalteco.

Ser testemunha da sua própria história, portanto, não é um capricho de Menchú, mas uma condição da sua existência para expor o tratamento de repressão e bestialidade que vão desde o atroz sequestro da sua mãe até a imolação do seu irmão. Este é ponto essencial de toda a narrativa, as violências pelas quais Menchú diz ter sofrido não são exclusivas dela ou de sua família, mas sim de um todo, uma comunidade, representando um dos maiores genocídios do século XX no continente americano, segundo dados da *Comisión para el Esclarecimiento Histórico de Guatemala* publicados em 1994 que identificou 42.275 vítimas, das quais 23.671 foram vítimas de execuções arbitrárias e 6.159 de sequestros, sendo noventa por cento dessas vítimas de origem indígena.

Nesse sentido, a literatura de testemunho é tanto um instrumento de educação como de instrução na medida em que pode trazer à tona não só os ensinamentos de uma determinada época histórica, mas também transmitir os conhecimentos e valores de uma determinada cultura, se tornando uma forma de influenciar uma visão de mundo, ajudando a refletir sobre questões sociais, culturais e pessoais. As argumentações que o narrador apresenta movimenta-se pelo pensamento intelectual e afetivo, de forma que a análise e a reflexão das ideias a partir do que é narrado estimulam o pensamento crítico daquele que lê, provocando emoções a fim de criar empatia e conectar o leitor com as experiências vividas.

A literatura tem sido um instrumento poderoso de educação e instrução, sendo proposta como um equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais estão presentes nas diversas

manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma, nega, propõe e debate, apoia e combate fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Cândido, 2011, p.177)

Ao perceber esses pontos complexos de debate, pode se dizer que Rigoberta Menchú em sua exposição de fatos faz uma reflexão sobre os valores sociais, e mais especificamente, faz uma reflexão sobre a literatura como um espelho da sociedade em que é produzida, provocando tanto valores positivos como a manifestação da sua luta indígena quanto negativos como o extermínio e exploração desses povos originários, representando cada uma delas através dos personagens que são construídos a partir da sua memória e fazem parte da sua própria realidade, do seu próprio enredos, fazendo com que a sua narrativa possa confirmar, questionar ou subverter ideais.

As declarações de Menchú oferecem ao leitor diferentes perspectivas sobre problemas e conflitos pelos quais a Guatemala havia passado naquele momento, permitindo aos leitores considerarem a sua posição como sobrevivente e testemunha de uma história contemporânea e a sua vivência dialética dos problemas.

Em *Me chamo Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência*, percebe-se que ela está afirmando que a consciência de sua identidade e a compreensão de sua luta emergiram através de sua própria experiência e do seu testemunho como um processo de conscientização fundamental para seu auto-reconhecimento, de forma que oferece uma forma de introspecção para os leitores. Ao invés de apresentar uma narrativa dinâmica e agitada, ela proporciona uma experiência mais tranquila e reflexiva em que Elizabeth Burgos, ao ouvir e registrar o testemunho de Menchú, adota uma abordagem contemplativa, permitindo que os leitores se envolvam com os problemas de Guatemala de forma mais profunda e pessoal.

Enquanto Menchú compartilha sua perspectiva sobre as dificuldades e injustiças que enfrentou, ela também cria um espaço para que os leitores investiguem os conflitos e desafios enfrentados pelos que resistem às adversidades.

Sendo assim, permite aos leitores experimentar e refletir sobre os problemas daquele país não de maneira dinâmica, mas quieta e introvertida assim como Elizabeth Burgos faz ao ouvi-la. E Menchú tanto apresenta sua visão das hostilidades pelas quais passou quanto oferece um espaço para explorar os conflitos e questões de quem resiste, ajudando o leitor a desenvolver uma compreensão mais complexa e multifacetada da sua luta. Por sua vez, ela não apenas reflete a ditadura guatemalteca, mas também contribui para a formação e evolução daquele que lê e a ouve, oferecendo um espaço para a educação, o debate e a introspecção.

CAPÍTULO 2 - LA NOCHE DE TLATELOLCO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM MASSACRE.

2.1. MOVIMIENTO ESTUDANTIL: LUTA E SOBREVIVÊNCIA.

El movimiento estudiantil de 1968 en México ha sido la protesta social más importante y trascendente que este sector ha registrado en toda su historia. Sin embargo, tal y como sucede con todo tipo de movimientos sociales de cualesquier época y parte del mundo, dicha movilización no surgió de la noche a la mañana ni tampoco por generación espontánea, sino que por lo menos hay dos acontecimientos sociopolíticos que influyeron significativamente en su proceso de gestación, como en el desarrollo posterior. (Ontiveros, 2018, p. 57)

La Noche de Tlatelolco: Testimonios de historia oral é escrito pela jornalista Elena Poniatowska, a partir de uma técnica de compilação da história oral juntando relatos de sobreviventes e familiares das vítimas. Com essa abordagem Poniatowska não só humaniza as estatísticas trágicas, mas também fornece uma voz àqueles que muitas vezes são silenciados nas narrativas oficiais. A obra é, portanto, dividida em partes e inclui tanto os testemunhos quanto as reflexões sobre o movimento estudantil, revelando a complexidade do contexto social e político da época no México em 1968. Além disso, estabelece um elo entre a luta local e a agitação estudantil em nível internacional, sublinhando que o massacre de Tlatelolco não foi um evento isolado, mas parte de um fenômeno global de reivindicação por direitos.

Todo comenzó con una bronca estudiantil entre dos pandillas, los Ciudadelos y los Arañas, que se pelearon frente a la Preparatoria Isaac Ochoterena e hicieran enfrentarse a alumnos de esa misma Preparatoria con alumnos de la Vocacional 2 del IPN. Los estudiantes de la Preparatoria 7 bloquearon la avenida de La Viga y apresaron a dos policías. El bazucazo a la puerta de la prepa indignó al estudiantado. “¡Nunca se habían visto en México manifestaciones espontáneas de esta envergadura! ¡La época de oro, la más hermosa del Movimiento Estudiantil se dio entre agosto y septiembre!” (Poniatowska, 1971, p. 275)

Com isso, Poniatowska abre espaço para uma discussão além da literatura, a partir de testemunhos que transformaram a história em um lugar onde se busca construir uma nova identidade de luta e sobrevivência. Essa nova identidade não é a mesma imposta por um único discurso dominante, que tende a homogeneizar e uniformizar. Em vez disso, busca-se uma identidade que seja heterogênea, diversificada e plural, refletindo uma variedade de vozes e

experiências. Essa abordagem, pode-se dizer mais democrática, valoriza e respeita as diferentes identidades e perspectivas que vivenciaram o mesmo problema, promovendo um diálogo ainda mais inclusivo e trazendo o leitor ainda mais para perto do que aconteceu e foi experimentado.

De maneira geral, é importante reconhecer que a obra testemunhal contribui para a formação da memória histórica de eventos como o massacre de Tlatelolco. Esse episódio deve ser entendido dentro de um cenário de intensa mobilização social e repressão por parte do Estado no México. O massacre se tornou um marco nos crimes do governo em um continente marcado por agitações estudantis nos anos 60. Apesar das diversas características nacionais, regionais e étnicas dos movimentos populares que cresciam no mundo inteiro, havia uma base comum entre eles, uma vez que ocorreram principalmente em grandes cidades, que eram centros políticos e econômicos, mas também foram impulsionados por contextos históricos globais, como a Guerra Fria, e por fatores socioeconômicos, como o crescimento da economia mundial após a Segunda Guerra Mundial.

Na década de 1960, a juventude mobilizada se destacou como um dos principais agentes sociais na reconstrução das sociedades que haviam passado por processos de colonização. Esses jovens não eram apenas participantes de movimentos de libertação nacional, socialistas e nacionalistas, mas também contribuíram para a produção e consumo de diversas expressões culturais. Durante esse período, as dificuldades enfrentadas durante a descolonização e os processos ditatoriais impetrados na América Latina incentivaram estudantes a se mobilizarem.

O movimento estudantil de 1968 no México foi um marco na luta por direitos e mudanças sociais, refletindo um descontentamento geral com a situação política e social do país, mas não surgiu do nada; suas raízes estavam em eventos anteriores que despertaram a consciência política entre os jovens, como por exemplo, a repressão do governo, a desigualdade social e a falta de liberdade de expressão foram alguns dos fatores que contribuíram para a insatisfação, bem como, as influências internacionais, os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos e as revoltas de 1968 na Europa, também ajudaram a moldar o ambiente em que os estudantes se mobilizaram.

Esses antecedentes permitiram a criação de um contexto propício na América Latina para que os estudantes se organizassem e exigissem mudanças, culminando em grandes protestos que desafiaram diferentes governos e trouxeram à tona questões importantes, como a democracia e a justiça social. O movimento estudantil de 68 não só deixou um legado duradouro no México, mas também inspirou outros grupos sociais e movimentos no país e na América Latina.

No es que yo me "metiera" al Movimiento Estudiantil; ya estaba adentro desde hace mucho. Entiéndeme, yo soy del Poli; allá tengo mi casa; allá están mis cuates, los vecinos, el trabajo... Allá nacieron mis hijos. Mi mujer también es del Poli. El Movimiento lo traemos dentro desde hace muchos años. ¡Aquí no hay improvisación, ni "puntada", ni "buena onda", ni nada! No se trata de eso. Se trata de defender todo aquello en que creemos, por lo que siempre hemos luchado y antes de nosotros nuestros padres y los padres de nuestros padres... Provenimos de familias de obreros, de gente que siempre ha trabajado, y trabajado duro. (Raúl Álvarez Garfa, físico matemático de la ESFM. Profesor de la Escuela Nacional de Ciencias Biológicas, Poniatowska, 1971, p.14)

Na obra de Elena Poniatowska pode-se ver a importância desta memória coletiva, com uma leitura que não apenas revisita um momento trágico da história, mas também propõe uma reflexão sobre a luta por direitos humanos. Entretanto, a menção ao presidente Andrés Manuel López Obrador, traz à tona uma discussão sobre como a história é interpretada na atualidade, uma vez que minimiza de certa forma a responsabilidade do Exército ao comentar o massacre.

Essa tentativa de ressignificação pode gerar tensões na sociedade, na qual muitas vezes entra em conflito a busca por justiça e o reconhecimento das vítimas. A partir dos testemunhos de Tlatelolco entende-se a luta estudantil como uma memória justa e coletiva, essencial não apenas para honrar os que foram assassinados, mas também para evitar que tais atrocidades se repitam.

Tocamos en todas las puertas del edificio 2 de abril y nadie abrió. Una señora que vivía en Tlatelolco y había ido con su niña por el pan se puso histérica y empezó a gritar. Quisimos ayudarla y pasamos un papelito por debajo de la puerta de un departamento que decía: "Dejen entrar a una señora con su niña." Contestaron con otro papelito: "No podemos, tenemos miedo." Así, textual. Perdí el papel, bueno, ni pensé en guardar lo. Creo que contestaron para que dejáramos de golpear las puertas porque Lina y yo estábamos golpeando muy muy fuerte. No sé de dónde nos salieron tantas fuerzas; yo creo que del terror. (María Ángeles Ramírez, estudiante de la Escuela de Antropología dependiente de la SEP, Poniatowska, 1971, p. 201)

Dessa forma, *La Noche de Tlatelolco: Testimonios de historia oral* se apresenta como uma ferramenta fundamental na preservação da memória e na reflexão crítica sobre a história do México e da América Latina. Ao abordar de forma documental os eventos daquela noite em 68, Poniatowska contribui para expor a resistência contra a repressão e a injustiça social,

destacando a importância de recordar e aprender com o passado, evidenciando que, ao trazer à tona esses relatos, a literatura e a memória histórica podem desempenhar um papel crucial na promoção da justiça e na luta por direitos humanos.

2.2. LA NOCHE DE TLATELOLCO: O MASSACRE.

La oscuridad engendra la violencia y la violencia pide oscuridad para cuajar el crimen. Por eso el dos de octubre aguardó hasta la noche para que nadie viera la mano que empuñaba el arma, sino sólo su efecto de relámpago. (...) Recuerdo, recordamos. Ésta es nuestra manera de ayudar a que amanezca sobre tantas conciencias mancilladas, sobre un texto iracundo, sobre una reja abierta, sobre el rostro amparado tras la máscara. Recuerdo, recordemos hasta que la justicia se siente entre nosotros. (Memorial Tlatelolco, 2018)

A relação entre testemunho, compromisso político e a luta social, pode ser destacada não apenas a partir de discursos marginalizados ou excluídos, mas também sobre aqueles que se opõem à ordem estabelecida. A obra de Poniatowska sugere que, ao reconhecer essa diversidade de vozes, é possível o leitor questionar as narrativas da história.

De certa maneira, a autora contribui para a literatura de testemunho ao ampliar a forma narrativa, indo além da perspectiva de um único narrador. Ao invés de introduzir um intermediário que atua como um mediador concreto entre o autor da história e o leitor, Poniatowska vai expandir essa abordagem incluindo diversas vozes, que vão refletir as experiências ligadas aos conflitos, enquanto oculta a presença desse mediador, que apenas organiza os depoimentos sem interferir como autor.

Essa característica permite uma análise mais ampla da literatura latino-americana documental do século XX, conectando-a a contextos globais de violência e barbárie, sugerindo que a literatura testemunhal pode vir a servir como um meio poderoso de contestação e reflexão crítica sobre a realidade social e política. O testemunho literário é considerado uma forma flexível, o que significa que ele pode assumir diferentes estilos e formatos, adaptando-se às experiências do observador que depõe sua vivência. Isso torna a literatura de testemunho uma ferramenta valiosa para abordar e entender conflitos ideológicos e sociais, não apenas na América Latina, mas em um contexto global.

En su mayoría estos testimonios fueron recogidos en octubre y en noviembre de 1968. Los estudiantes presos dieron los suyos en el curso de los dos años siguientes. Este relato les pertenece. Está hecho con sus palabras, sus luchas, sus errores, su

dolor y su asombro. Aparecen también sus "aceleradas", su ingenuidad, su confianza. Sobre todo les agradezco a las madres, a los que perdieron al hijo, al hermano, el haber accedido a hablar. El dolor es un acto absolutamente solitario. Hablar de él resulta casi intolerable; indagar, horadar, tiene sabor de insolencia. (Poniatowska, 1971, p. 164)

Diante da brutalidade, há um desafio em como comunicar essas experiências. Ao expor os fatos que marcaram o massacre de Tlatelolco, Poniatowska vai caracterizar o testemunho a partir da expressão do que foi vivido, mas os sobreviventes não podem simplesmente relatar esses eventos com a serenidade de quem fala de um passado distante, suas memórias são marcadas pelo trauma que continua a afetar suas vidas, como tantas mães que perderam seus filhos. Isso leva a uma dificuldade em encontrar palavras que façam jus ao que aconteceu, resultando em tentativas repetidas de narrar essas vivências que parecem sempre incompletas.

Dessa forma, a obra discute não só os relatos dos sobreviventes aos eventos traumáticos, mas os utiliza como fontes de reflexão em várias áreas do conhecimento. No entanto, pode-se dizer que as experiências documentais que apresentam esses relatos podem ser ao mesmo tempo paradoxais, já que muitos que viveram essas experiências horríveis não sobreviveram para contar suas histórias, e os que conseguiram muitas vezes lutam com sentimentos de culpa por terem sobrevivido, ao mesmo tempo em que sentem a obrigação de compartilhar suas experiências sem distorcer a verdade.

Este relato recuerda a una madre que durante días permaneció quieta, endurecida bajo el golpe y, de repente, como animal herido —un animal a quien le extraen las entrañas— dejó salir del centro de su vida, de la vida misma que ella había dado, un ronco, un desgarrado grito. Un grito que daba miedo, miedo por el mal absoluto que se le puede hacer a un ser humano; ese grito distorsionado que todo lo rompe, el ay de la herida definitiva, la que no podrá cicatrizar jamás, la de la muerte del hijo. Aquí está el eco del grito de los que murieron y el grito de los que quedaron. Aquí está su indignación y su protesta. Es el grito mudo que se atoró en miles de gargantas, en miles de ojos desorbitados por el espanto el 2 de octubre de 1968, en la noche de Tlatelolco. (Poniatowska, 1971, p. 164)

Para tanto, o Massacre de Tlatelolco descreve o profundo sofrimento de todos os lutos que, após dias de dor e silêncio, simbolizam a perda insuportável de seus entes queridos. Essa intensa desolação transcende o individual e se torna um símbolo coletivo de luta. O sofrimento dos sobreviventes revela a profundidade da perda e o impacto devastador da

tragédia. Essa expressão visceral da dor não é apenas um lamento pessoal, mas também um eco das vozes de todos que sofreram com a violência do massacre de Tlatelolco. Esse horror absoluto que pode ser infligido a um ser humano ao ver a morte de outro, reflete não apenas a dor pessoal de uma mãe, mas também a dor coletiva de todos os que foram afetados pela tragédia de Tlatelolco, em 2 de outubro de 1968.

Esse evento histórico foi, portanto, um ponto de virada na história do México, onde estudantes e civis que protestavam foram brutalmente reprimidos, se tornando um emblema da indignação contra a injustiça e representa o trauma não só das vítimas, mas também de suas famílias e de toda a sociedade que testemunhou esse evento distorcido e aterrorizante, marcando uma ferida que nunca cicatrizará. Além disso, demonstra não apenas a falta de voz como um reflexo da repressão que imperava na sociedade, onde muitos ficaram silenciados pelo medo. A imagem dos "milhares de olhos desorbitados" reforça a ideia de um trauma coletivo, em que a experiência da violência impactou não apenas os que estavam diretamente envolvidos, mas toda uma geração que viveu sob o peso dessa brutalidade.

La frase “¡2 de octubre no se olvida!” es un grito en contra de la impunidad, el olvido y la amnesia colectiva. Así, lejos de perder vigencia al repetirse año tras año, se ha convertido en un gran símbolo del impacto ejemplar que tuvo en México el movimiento estudiantil de 1968 por lo que cada 2 de octubre, por las calles se escuchan las voces juveniles de representantes de todas las escuelas, instituciones, universidades, normales, organizaciones y movimientos de la sociedad civil, quienes se dan cita en Tlatelolco para ir marchando y corriendo por la capital del país exigiendo sus derechos a la libre expresión, a la educación, entre otras demandas y derechos, con el grito unísono: “¡2 de octubre no se olvida! ¡Es de lucha combativa!” (Taalas, Ex Comisionado Ejecutivo de Atención a Víctimas, 2018).

Essa reflexão sobre o sofrimento humano e a luta pela memória é crucial. O grito dos sobreviventes se torna um chamado para lembrar as vítimas e para garantir que suas histórias não sejam esquecidas, simbolizando a necessidade de confrontar a história, de reconhecer as injustiças e de buscar reparação, ressaltando a importância da literatura e do testemunho na preservação da memória histórica.

2.3. A NARRATIVA OFICIAL *VERSUS* A NARRATIVA DOCUMENTAL DE PONIATOWSKA

Criminal Provocación en el Mitin de Tlatelolco causó Sangriento Zafarrancho. Muertos y Heridos en Grave Choque con el Ejército en Tlatelolco: Entre los heridos están el general Hernández Toledo y otros doce militares. Un soldado falleció. El número de civiles que perdieron la vida o resultaron lesionados es todavía impreciso. (El Día, 1968. Poniatowska, 1971, p.165)

A obra de Poniatowska reúne diversas vozes e perspectivas sob uma abordagem que mistura jornalismo e literatura. O texto é formado principalmente por testemunhos de sobreviventes ao massacre de 1968, que foram coletados e editados pela autora ao longo de vários anos, sendo publicados três anos após os eventos. Cada parte da obra começa com uma introdução da autora e é composta por fragmentos de discursos que revelam a realidade coletiva de diferentes ângulos.

A narrativa, portanto, é descrita como cinematográfica, com cenas que se sobrepõem e são apresentadas de forma a criar uma experiência visual para o leitor, mais do que simplesmente uma leitura linear. A voz narrativa atua como uma câmera, capturando momentos simultâneos e reflexivos, permitindo uma imersão na complexidade dos acontecimentos, se caracterizando pela combinação rica de vozes e estilos que documentam e refletem o momento trágico da história, desafiando as classificações tradicionais de gênero literário.

A importância da oralidade na obra de Poniatowska, não apenas se refere à expressão escrita da palavra falada, mas também demonstra uma preferência pela perspectiva dos estudantes, os oprimidos, ao editar sua narrativa, conferindo maior autoridade à voz daqueles que normalmente são marginalizados. Ao fazer isso, Poniatowska ilustra essa divisão entre poder e oprimidos, destacando como a repressão inicial gerou uma divisão clara na opinião pública, separando "os homens do poder" dos "estudantes, professores, intelectuais e parte do povo", desafiando as narrativas hegemônicas ao dar voz e dignidade àqueles que sofreram a repressão, subvertendo assim as normas sociais estabelecidas.

Ao mesmo tempo, a polifonia na obra de Poniatowska, utiliza múltiplas vozes para apresentar sua versão da verdade, com essa abordagem a autora tenta desmistificar o discurso oficial e desafiar o leitor a reconhecer e assimilar diferentes perspectivas dentro da narrativa, entrelaçando testemunhos de anônimos e nomes conhecidos, escritos de repórteres, legendas

de cartazes, letras de músicas, citações de documentos oficiais, poemas, e listas de vítimas, criando uma tapeçaria rica e complexa de vozes.

Essa mistura de elementos não segue uma lógica visível, mas serve para ilustrar a diversidade das experiências e opiniões relacionadas ao evento histórico como um meio eficaz de questionar as narrativas oficiais e encorajar os leitores a considerar a multiplicidade de verdades que emergem da experiência coletiva.

Dessa forma, Poniatowska traz ao leitor não apenas a versão dos que estavam presentes no massacre, mas também os títulos dos principais jornais da capital no dia seguinte às mortes. Em sua maioria, colocando os estudantes em lugares de franco atiradores que atentaram contra o país e abriram fogo contra o Exército ferindo um General Hernández Toledo e outros tantos soldados que estavam ali apenas para resguardar a ordem. Oficialmente, 39 civis e dois soldados foram mortos, mas o número real de vítimas nunca foi conhecido.

Jorge Aviles, redactor de *El Universal* escribe el 3 de octubre: "Vimos al ejército en plena acción; utilizando toda clase de armamentos, las ametralladoras pesadas empotradas en una veintena de yips, disparaban hacia todos los sectores controlados por los francotiradores." Excélsior reitera: "Unos trescientos tanques, unidades de asalto, yips y transportes militares tenían rodeada toda la zona, desde Insurgentes a Reforma, hasta Nonoalco y Manuel González. No permitían salir ni entrar a nadie, salvo rigurosa identificación." ("Se Luchó a Balazos en Ciudad Tlatelolco, Hay un Número aún no Preciado de Muertos y Veintenas de Heridos", *Excélsior*, jueves 3 de octubre de 1968 - Poniatowska, 1971, p. 168.)

Naquela data existiam amplas provas que sugeriam que as medidas repressivas do governo em 2 de outubro contra o movimento foram muito bem planejadas com o objetivo de não falharem. Neste sentido, pode dizer-se que a decisão política do Presidente Gustavo Díaz Ordaz de enfrentar militarmente o conflito estudantil foi tomada em termos de uma solução definitiva de acabar de uma vez por todas com os desordeiros, ou qualquer outra expressão semelhante.

Nos relatos recolhidos por Poniatowska é possível ver que no início da manifestação havia cerca de cinco mil pessoas pacíficas e desarmadas. Ao mesmo tempo que dois helicópteros do exército sobrevoavam a praça até que um desses helicópteros dispararam um sinalizador que rasgou o céu e depois caíram no chão na direção do edifício do Ministério dos

Negócios Estrangeiros, dando sinal para iniciar o ataque, e que imediatamente depois se iniciou o tiroteio.

A análise dos testemunhos permite compreender as diferentes interpretações do movimento estudantil de 1968. Os depoentes enfatizavam a importância de um diálogo aberto e direto entre o governo e o Conselho Nacional de Estudantes (CNH), considerando isso essencial para a luta pela democracia. Mas revela que, apesar das diversas ideologias presentes entre os participantes do movimento, todos encontravam um ponto em comum na resistência à violência política e à repressão.

Essa busca por uma plataforma comum, centrada no diálogo e na defesa da democracia, ilustra a unidade que pode surgir em meio a diferenças ideológicas e ressalta a riqueza das vozes e experiências que compõem a memória do movimento estudantil, mostrando como a luta pela democracia e contra a repressão foi uma causa que uniu diversos grupos e perspectivas, reunindo diferentes pessoas como mães, pais, crianças, idosos, estudantes, trabalhadores e curiosos.

A ênfase de Poniatowska está na ideia de que todos os presentes foram vítimas de um evento violento, destacando a dimensão coletiva do sofrimento. Além disso, a autora menciona que os principais meios de comunicação não estavam dispostos a relatar a verdadeira magnitude da tragédia, especialmente no que diz respeito ao número de mortos, sugerindo uma censura ou uma falta de compromisso em informar a população sobre a gravidade dos acontecimentos. Por outro lado, a referência ao jornal norte-americano *The Guardian*, que reportou 325 mortes e centenas de feridos, indica que havia fontes externas dispostas a trazer à tona a realidade do que ocorreu, contrastando com a omissão da mídia local e criticando a falha dos canais de comunicação em relatar a verdade.

"El saldo de la masacre de Tlatelolco aún no acaba. Hasta el momento han muerto cerca de 100 personas de las cuales sólo se sabe de las recogidas en el momento; los heridos cuentan por miles..." El mismo 6 de octubre el CNH, al anunciar que no realizaría nuevas manifestaciones o mítines, declaró que las fuerzas represivas "causaron la muerte con su acción a 150 civiles y 40 militares". En Posdata, Octavio Paz cita el número que el diario inglés *The Guardian*, tras una "investigación cuidadosa", considera como la más probable: 325 muertos. (Poniatowska, 1971, p.170)

Pode-se observar que a análise do massacre de Tlatelolco, através da obra de Poniatowska, revela não apenas a tragédia de um evento violento, mas também a

complexidade das narrativas que o cercam. A autora reúne uma rica tapeçaria de vozes, incluindo testemunhos de sobreviventes e relatos de imprensa, para desmistificar a versão oficial e expor a multiplicidade de experiências vividas, sublinhando a dimensão coletiva do sofrimento e criticando a omissão e a distorção da mídia local, que minimizou o número de mortos e feridos, em contraste com as reportagens externas que revelaram a gravidade dos acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de testemunho é mais do que um simples registro de experiências passadas, podendo ser vista também como uma ferramenta ativa que pode inspirar mudanças sociais. Ao captar as experiências dolorosas de indivíduos que viveram situações de opressão ou violência, a literatura ajuda a memória a garantir que essas histórias não sejam esquecidas. Para tanto, além de documentar, essas narrativas têm o potencial de motivar os leitores a se envolverem e a agirem em suas comunidades, conectando a experiência pessoal com questões sociais mais amplas, incentivando a reflexão crítica e o desejo de mudança.

A análise das estruturas de poder nas narrativas ajuda a entender como as vozes marginalizadas são representadas e como isso pode impactar a visão pública sobre questões sociais. Essa análise é essencial para identificar desigualdades e promover a conscientização, influenciando na percepção pública de forma que, as histórias contadas possam moldar a forma como a sociedade vê determinados problemas, sensibilizando as pessoas para injustiças e encorajando um diálogo sobre soluções. Dessa forma, a literatura de testemunho pode não ser apenas uma recordação do passado, mas também um poderoso instrumento para mobilizar pessoas para a ação e provocar mudanças significativas na sociedade.

Na perspectiva de Rigoberta Menchú, conforme apresentado por Elizabeth Burgos, pode-se ver uma narrativa da luta dos povos indígenas que transcende o mero relato de vida. Menchú não apenas documenta os traumas de sua experiência pessoal e coletiva, mas também se torna uma porta-voz da resistência indígena contra o colonialismo e a marginalização. Ao compartilhar sua história e as tradições culturais de seu povo, ela destaca a importância da identidade indígena como um elemento central para a sobrevivência e a autonomia.

A obra de Burgos não se limita a um testemunho de dor, mas se transforma em um chamado à ação, convocando leitores e sociedades a reconhecerem e valorizarem a diversidade cultural e os direitos dos povos originários. A mediação da autora neste caso, é crucial, pois garante que a voz de Menchú permaneça autêntica e ressoe com a profundidade de suas experiências. Juntas, elas desafiam estereótipos e promovem uma compreensão mais ampla das dinâmicas de poder que moldam a história e a identidade indígena.

Assim, a obra de Menchú, conforme abordada por Elizabeth Burgos, transcende a experiência pessoal e se torna um poderoso testemunho ao descrever sua vida e a opressão sofrida por sua comunidade, fazendo com que Menchú exponha as feridas da colonização externa e as dinâmicas de colonialismo interno que perpetuam desigualdades dentro dos próprios países latino-americanos, destacando a importância da identidade cultural indígena e

o direito de seus povos a serem respeitados e reconhecidos como parte fundamental da sociedade.

Em um contexto onde a população indígena frequentemente enfrenta marginalização e exploração, seu testemunho serve como um manifesto de resistência, incentivando não apenas a luta por direitos, mas também a valorização da diversidade cultural.

Através de sua luta, Menchú convida o leitor a questionar as próprias perspectivas sobre opressão e a necessidade de uma mudança estrutural. Sua história é um lembrete de que a luta pela justiça e pela dignidade dos povos indígenas é uma responsabilidade coletiva, exigindo a transformação das relações de poder tanto em nível local quanto global.

A análise do testemunho como um gênero literário revela sua rica complexidade e seu papel crucial na interseção entre diversas áreas do conhecimento e formas de expressão. Ao situar-se entre oralidade e escrita, autobiografia e demografia, a literatura de testemunho transcende a mera documentação de experiências, funcionando como um poderoso veículo de denúncia social e crítica cultural.

Esse testemunho, que confronta as narrativas e destaca as injustiças, também provoca reflexões profundas sobre a identidade, a cultura e a luta por reconhecimento e direitos. A forma contemplativa da narrativa testemunhal permite ao leitor um envolvimento mais íntimo com as realidades enfrentadas na Guatemala, incentivando uma introspecção crítica.

Portanto, a literatura de testemunho, como exemplificada por Menchú, é mais do que um relato individual, é uma ferramenta de educação e transformação, que desafia as percepções sociais e abre espaço para o diálogo sobre questões de opressão, resistência e identidade, promovendo uma compreensão mais profunda das complexas dinâmicas de poder que moldam nossas sociedades.

Por outro lado, a obra *La Noche de Tlatelolco: Testimonios de historia oral*, de Elena Poniatowska, se revela essencial na preservação da memória do movimento estudantil de 1968 no México, ao transformar tragédias individuais em relatos coletivos que humanizam a história. Através de uma abordagem de testemunho, Poniatowska dá voz a sobreviventes e vítimas, subvertendo as narrativas oficiais e promovendo uma reflexão crítica sobre a repressão e as injustiças sociais que marcaram esse período. A obra não apenas documenta os eventos, mas também conecta as lutas locais a um fenômeno global, ressaltando a interdependência dos movimentos sociais em um contexto de agitação política internacional.

Ao resgatar memórias e experiências diversas, a literatura de testemunho se torna um instrumento poderoso de resistência, permitindo a construção de identidades plurais e o reconhecimento das vozes marginalizadas. O massacre de Tlatelolco, como um marco na luta

por direitos humanos, simboliza a necessidade de recordar e aprender com o passado, para que atrocidades semelhantes não se repitam. Assim, a narrativa de Poniatowska se formula a partir de uma crônica de eventos para honrar os que sofreram e para promover a justiça social, destacando o papel da literatura na formação da consciência coletiva e na luta contínua por direitos e dignidade.

Poniatowska vai destacar em sua obra a íntima conexão entre a violência, a escuridão e a necessidade de recordar, sugerindo que o testemunho se torna um ato de resistência diante da brutalidade. Ao reunir as vozes dos sobreviventes do massacre de Tlatelolco, a autora transforma a dor individual em um clamor coletivo por justiça, ampliando a compreensão do evento para além de uma mera tragédia histórica. A diversidade de relatos, sem a interferência de um mediador, permite uma visão mais plural e autêntica das experiências vividas, refletindo a complexidade das lutas sociais e políticas na América Latina.

Assim, através da literatura de testemunho, a obra não apenas documenta o horror do passado, mas também serve como um instrumento vital para a formação de uma memória coletiva que busca evitar a repetição de tais atrocidades. O grito de indignação que ecoa das páginas de Poniatowska simboliza a necessidade urgente de reconhecimento e reparação, unindo gerações em um esforço contínuo por justiça. Dessa forma, o relato do massacre de Tlatelolco não é apenas uma lembrança trágica, mas um convite para que a sociedade não esqueça suas feridas e se mantenha vigilante contra a impunidade e o esquecimento.

O que se vê durante os relatos em *La Noche de Tlatelolco* não são apenas relatos dos eventos de forma cronológica, mas uma narrativa construída de forma multifacetada que captura a complexidade das experiências vividas a partir de uma abordagem que ressalta a história para além de datas e números, destacando vidas e emoções.

A polifonia presente na obra serve para desafiar as versões oficiais, frequentemente distorcidas ou minimizadas pela mídia e pelo governo. Poniatowska insere nas suas páginas a indignação e a esperança dos que lutaram por um México mais justo, destacando a diferença entre a narrativa do governo e as experiências vividas pelos estudantes, propondo uma reflexão crítica sobre a responsabilidade da sociedade em reconhecer e confrontar a verdade.

Por fim, a literatura de testemunho representa um poderoso veículo de resistência e transformação social. Mais do que um mero registro de experiências passadas, ela atua como uma ferramenta ativa que inspira mudanças, capturando as vivências dolorosas de indivíduos que enfrentaram opressão e violência. Ao documentar essas histórias, a literatura de testemunho assegura que as memórias não se percam no tempo, promovendo um engajamento que transcende o individual e se conecta a questões sociais mais amplas. Assim, essas

narrativas, ao desafiar as narrativas dominantes, servem como catalisadores para a conscientização, sensibilizando o público para injustiças frequentemente ignoradas e promovendo um diálogo sobre possíveis soluções.

Dessa forma, tanto a obra de Menchú quanto a de Poniatowska exemplificam o potencial transformador da literatura de testemunho. Elas desafiam as percepções sociais, abrem espaço para o diálogo sobre opressão, resistência e identidade, e promovem uma compreensão mais profunda das complexas dinâmicas de poder que moldam nossas sociedades. Através da narrativa, o leitor é convidado a se envolver não apenas com as histórias contadas, mas também a se tornar parte da luta pela justiça, resgatando o papel da literatura como um espaço de resistência, reflexão e ação. Ao manter viva a memória das experiências vividas e dos traumas enfrentados, a literatura de testemunho cumpre uma função essencial na construção de um futuro mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

- BURGOS, Elizabeth. *Mi nombre es Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. México: Siglo XXI Ed, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- ELIAS, Silvel. *El Mundo Indígena 2023 - Guatemala*. Guatemala: 37a edición. International Work Group for Indigenous Affairs (IWGIA). Disponível em: <https://iwgia.org/es/guatemala/5092-mi-2023-guatemala.html>. Acesso em 20/09/2024.
- GUGUELBERGER, Georg (org.). *The real thing*, Duke University Press, Durham, 1996, p. 7. In. O ícone do *testimonio*. Puc-Rio. Revista Maxwell. Coleção Digital n.7. p.11-24. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17842/17842_2.PDF. Acesso em 20/09/2024.
- MARCO, Valeria De. *A literatura de testemunho e a violência de Estado*. Revista Lua Nova de Cultura e Política. n.62, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000200004> Acesso em 20/09/2024.
- ONTIVEROS, José René Rivas, et al. *Antecedentes, Desarrollo Y Repercusiones Del 68 Mexicano. Los 68 Latinoamericanos: Movimientos Estudiantiles, Política y Cultura En México, Brasil, Uruguay, Chile, Argentina y Colombia*, editado por Pablo Bonavena E Mariano Millán, Revista CLACSO, 2018, pp. 53–77. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctvn5tzpt.5>. Acesso em: 12/09/2024.
- POLLACK, Michael. *O testemunho*. Revista Vivência. n. 62, p. 355-417, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/article/download> Acesso em 15/09/2024.
- PONIATOWSKA, Elena. *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral*. Ed. Era. México, 1971.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009, pp. 54–59.
- SAER, Juan José. *O conceito de ficção*. Tradução: Tradução: Luís Eduardo Wexell Machado. São Paulo. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 8, julho de 2012. Disponível em: <https://www.pucsp.br/revistafronteiraz/download/pdf/TraducaoSaer-versaofinal.pdf> Acesso em 14/08/2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Revista Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>. Acesso em 10/09/2024.

TAALAS, Petteri. Comisión Nacional de los Derechos Humanos. Matanza de Tlatelolco, violación de derechos humanos, 2018. Disponível em: <https://www.cndh.org.mx/noticia/matanza-de-tlatelolco-violacion-de-derechos-humanos>
Acesso em: 15/09/2024.

UNAM GLOBAL. Memorial de Tlatelolco. Rosario Castellanos. YouTube, 30 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9mmzLrsidWQ> Acesso em: 12/09/2024.